

Materialidades da Literatura: escrita, investigação e reconfigurações no contexto do espaço virtual.

Entrevista com Manuel Portela¹

Alexandre Graça Faria*
Lúcia Helena da Silva Joviano**

RESUMO:

Entrevista com Manuel Portela, na qual discute aspectos teóricos e apresenta um panorama do atual estado de suas pesquisas e das pesquisas do Programa que coordena sobre materialidades da literatura; destaca as contribuições da poética de Augusto de Campos para pensar a complexidade espacial da escrita; discute a problemática dos arquivos e apresenta uma rica genealogia sobre o assunto.

Palavras-chave: Materialidades da Literatura. Literatura e mídias. Arquivos digitais.

P - Em suas obras e em seu programa de curso é destacado, dentre os escritores latino-americanos, Augusto de Campos. Como você analisa a contribuição da Poesia Concreta e do referido autor para mudança de paradigmas que contribuíram para a efetivação do campo de estudos das Materialidades literárias?

R - Creio que a obra de Augusto de Campos – como poeta, tradutor e teórico da literatura – permite observar e compreender muitas das transformações tecnopoéticas dos últimos 50 anos. O seu trabalho de objetualização da linguagem, assim como o dos poetas concretos e de outros poetas experimentais dos anos 1960, 1970 e 1980 (no Brasil e noutras partes do mundo) exponenciaram a consciência da materialidade das operações de produção de sentido herdadas dos primeiros modernismos. A sua extraordinária capacidade de integrar as novas condições mediais (rádio, gravação sonora, televisão, vídeo, máquina de escrever, novas técnicas de impressão, computador) nos processos de criação poética é uma resposta às mudanças nas tecnologias de comunicação. De certo modo, é o próprio poema que passa a ser investigado como *medium*, na processualidade que o faz emergir como forma a partir de um jogo de diferenças materiais de base linguística e tecnológica. No caso de Augusto de Campos, esse trabalho com a processualidade medial do poema tende a desenvolver-se como uma poética da leitura e da percepção gestáltica da forma gráfica e acústica. De resto, vários autores concretistas e experimentais fizeram eles próprios (Augusto de Campos, E.M. de Melo e Castro, bp Nichol, por exemplo) a transição para a poética intermédia digital, explorando a potencialidade material dos novos média. A sua teoria e prática da escrita já estava profundamente inscrita na “era eletrónica”, no sentido mcluhaniano da designação.

P - Podemos dizer que, a partir das suas publicações, que suas atuais reflexões convergem para estudos teóricos dos desdobramentos relativos à interação ser humano/escrita/hipermídia no mundo contemporâneo?

R - Sim, creio que essa seria uma boa descrição, mas acrescentaria também a análise literária e artística de obras produzidas sob as novas condições tecnológicas e sociais de produção. Sublinhava em especial, na sua pergunta, a palavra “interação” como o foco da minha atenção nos últimos anos. O estudo da interação implica perceber ao mesmo tempo os programas materiais que estão inscritos nas formas e as intervenções que os leitores/interatores/usuários fazem nesses programas, seja na escrita, no livro ou no meio digital.

P - Que teóricos/as ler para iniciar os estudos sobre as Materialidades?

R - A genealogia daquilo que designámos “Materialidades da Literatura” é múltipla e bastante difícil de resumir. Está em preparação um livro (escrito pelos docentes do Programa, a concluir em 2014) intitulado precisamente “O que são as Materialidades da Literatura?”. O seu objetivo é construir um argumento que mostre a filiação teórica desta perspetiva e ajudar, de algum modo, a responder à pergunta que me coloca. Em parte, a genealogia que vamos propor resulta de uma releitura retrospectiva de vários campos a partir da experiência reconfiguradora da mediação digital. Podemos pensar em áreas como teoria dos média e das materialidades da comunicação (McLuhan, Ong, Zumthor, Kittler, Bolter & Grusin, Manovich, Murray), história e estudos do livro (Febvre, Eisenstein, Chartier, Darnton, Johns, McKitterick), crítica textual e nova filologia (McKenzie, McGann, Shillingsburg, McLeod), poética digital (Aarseth, Bootz, Cayley, Drucker, Hayles, Eskelinen) ou teorias da cultura (Benjamin), por exemplo. Podemos pensar ainda em questões como corpo, presença e não-hermenêutico (Gumbrecht) ou em conceitos pós-estruturalistas como inscrição, evento e diferiação (Derrida). Haverá certamente várias outras constelações de problemas e autores possíveis para pensar a questão da materialidade e das tecnologias de inscrição na sua relação com a significação literária.

P - A partir de que ponto você interessou-se pela “Literatura Digital”. Você era e é leitor? Ou vigora apenas o interesse investigativo?

R - O interesse pela “Literatura Digital” vem de meados dos anos de 1990, inicialmente apenas como leitor. Era e continuo a ser leitor de obras digitais. O interesse investigativo surgiu por volta de 2002, quando comecei a integrar edições e obras digitais nos meus seminários e conferências. Iniciei em 2003 dois seminários de pós-graduação (intitulados “Estudos Literários e Cultura Digital” e “Arquivos e Edições Eletrónicas”) que problematizavam a transição do património literário para o meio digital e também a mudança nos métodos de crítica textual decorrentes da digitalização geral dos textos. Em 2006, lecionei pela primeira vez uma disciplina de licenciatura com a designação “Literatura e Média na Era Digital”, centrada na leitura e análise de obras digitais (poesia e ficção). Também em 2006 organizei na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra um breve ciclo de conferências sobre “Literatura e Novas Tecnologias”, que reunia aqueles dois campos – o campo da digitalização da literatura e o campo da literatura digital – e na qual participaram artistas e

investigadores. Estes dois campos foram também a base para o sítio “DigLitWeb: Digital Literature Web”, publicado pela primeira vez em inícios de 2005, com uma estrutura concebida e desenhada em 2003, cujo objetivo era agregar e anotar ligações que permitissem mapear os processos de digitalização da literatura. Na última década acentuou-se a multimodalidade na produção literária digital, em consequência das mudanças no hardware e no software, que multiplicaram os suportes e as possibilidades para a produção artística programada. Estas mudanças, transversais aos diversos domínios de criação artística digital, refletiram-se no aumento do número de artistas e de obras em diversos géneros (animação, ficção interativa, instrumento textual, geração de texto, obras locativas, etc.). Gradualmente esta produção deu origem a projetos de investigação e a programas de ensino um pouco por todo o mundo ao longo da última década. Destaco em especial os diretórios da ELO, do ELMCIP e da NT2, para quem quiser familiarizar-se com um conjunto grande e diversificado de obras e de textos críticos sobre a literatura digital em diversas línguas.

P - Você participa como investigador do projeto “PO-EX 70-80: Arquivo Digital da Literatura Experimental Portuguesa”. Em que consiste tal projeto? Você poderia nos relatar, mesmo que seja de forma parcial, algumas considerações que já chegou em sua pesquisa?

R - O Projeto “Po-Ex 70-80” é a continuação de um projeto anterior “Po-Ex 60”, ambos dedicados à poesia experimental portuguesa e ambos coordenados por Rui Torres. O projeto “Po-Ex 60” centrou-se na digitalização das revistas *Poesia Experimental 1* (1964) e *Poesia Experimental 2* (1966), assim como de alguns cadernos e catálogos desse período. A fase seguinte, “Po-Ex 70-80”, que teve início em 2010 e ficou concluída neste ano de 2013, alargou às décadas de 1970 e 1980 as obras e documentos a digitalizar. Nesta extensão do primeiro projeto, não se trata de digitalizar apenas um conjunto circunscrito de revistas, cadernos e catálogos, mas de criar um arquivo multimodal que contenha exemplos de diversas formas e práticas experimentais – poesia visual e sonora, performance, videopoesia, poema-objeto, poesia digital. Tal como no projeto anterior, a criação da base de dados não tem uma mera função repositória, mas inclui também releituras e recriações das obras originais. Estas releituras podem tomar a forma de uma versão animada de um texto visual ou o registo sonoro de leituras alternativas de determinadas disposições textuais gráficas. Ambas as estratégias demonstram a produtividade da leitura como intervenção no campo textual, revelando a complexidade da espacialização da escrita como mecanismo de notação gerador de sentido.

Uma das conclusões do projeto é a de que, quando colocados lado a lado e em diálogo entre si, o conjunto de objetos digitais do arquivo oferece uma nova imagem das práticas experimentais, uma imagem que provavelmente não estaria disponível anteriormente nem sequer para os próprios protagonistas – já que muitos materiais eram únicos ou circulavam em tiragens muito limitadas. Por outro lado, quando visto de fora, o arquivo permitirá mostrar a diversidade de práticas, para além daquilo que se cristalizou e oficializou como a história poética do período. Outro contributo significativo do arquivo será disponibilizar os primeiros videopoemas e os primeiros poemas computacionais feitos em Portugal, seja através de documentação, seja através de emulações. Neste momento estão a ser validados os elementos constantes da base de dados e espera-se poder publicar todo o material (cerca de 5000 itens) ainda durante o ano de 2013.

P - Como surgiu a ideia de criar um doutoramento em Materialidades da Literatura? De que forma você analisa a recepção e repercussão do programa pela comunidade acadêmica?

R - Este doutoramento surgiu a partir do trabalho desenvolvido ao longo da última década, que, no meu caso, incidiu especialmente sobre as questões da história e da materialidade do livro, assim como da criação literária e artística em meio digital. O doutoramento surge da intersecção do trabalho de vários investigadores, a trabalhar sobre problemas como a voz, a escrita e o cinema (Osvaldo Manuel Silvestre), a história e as tecnologias de virtualização (Pedro Serra e Paulo Silva Pereira) ou as teorias da cultura (António Sousa Ribeiro e Catarina Martins) – problemas com incidência na teorização literária. Por outro lado, este contexto de investigação local ocorre num contexto internacional de expansão dos estudos comparados dos média e de uma teorização das mudanças sistémicas em curso nas tecnologias de inscrição e de literacia em consequência da crescente digitalização das formas culturais e dos processos sociais. Existe portanto uma dinâmica entre estes dois contextos que ajuda a explicar a concetualização que, no final do verão de 2009, ganhou a designação “Materialidades da Literatura”. Trata-se de uma tentativa de articular, a partir do campo específico da literatura e da teoria da literatura, alguns dos problemas que estão a ser articulados de forma paralela noutros campos, como são o campo da teoria dos média ou da história do livro, por exemplo.

Quanto à receção e à repercussão académica, podemos observar ainda apenas o momento inicial, uma vez que o programa está no seu terceiro ano de funcionamento. Um aspeto tem sido comum às várias reações, desde a que consta da avaliação inicial que acreditou o programa, em 2010, até à que, já em 2013, o recomendou para financiamento como Programa de Doutoramento FCT. Todas elas têm sublinhado o seu mérito científico e o seu carácter inovador. Esse carácter inovador foi igualmente reconhecido por um conjunto significativo de especialistas internacionais de centros de investigação e universidades da Europa e da América, com destaque para os Estados Unidos e o Brasil, cujos testemunhos nos foram enviados ao longo dos últimos três anos. Serão necessários, no entanto, mais alguns anos para o Programa se consolidar e se poder então observar a sua repercussão.

Trata-se de um projeto ainda embrionário, mas que conseguiu apenas com três anos de funcionamento (2010-2011, 2011-2012, 2012-2013) um conjunto assinalável de resultados, esforçando-se por manter um programa de trabalhos exigente, consciente dos constrangimentos da atual situação financeira institucional – reflexo da grave crise econômica e financeira portuguesa desde 2011 – mas também da necessidade de mudança dos modelos, métodos e objetos nos estudos literários. O objetivo de o transformar num laboratório de investigação para re teorizar e re analisar os processos e as práticas literárias depende de conseguirmos ter uma procura sustentada durante alguns anos, de incrementarmos os resultados (bolsas concedidas, projetos aprovados, teses concluídas, publicações, parcerias) e de vê-los reconhecidos no âmbito nacional e internacional.

P - Dentre os projetos de tese apresentados pelos/as doutorandos/as ao programa, há predomínio de estudos voltados para o estudo da materialidade não-digital, ou digital?

R - Creio que os projetos estão igualmente divididos pelos dois campos: há projetos que abordam objetos impressos de natureza textual e visual em diversos momentos históricos (incluindo os séculos XVII, XVIII e XIX); e há projetos que se centram em obras digitais ou em problemas da cultura e da mediação digital. Há ainda projetos que se dedicam a tecnologias específicas, como a gravação sonora, e a géneros específicos, como o livro de artista ou o livro para crianças. Outros dedicam-se a problemas

gerais de teoria da literatura a partir de uma perspectiva material, e outros ainda procuram aplicar esta perspectiva a objetos tradicionais dos estudos literários, como a obra de um autor ou autora. Esta diversidade é um sinal da produtividade teórica e metodológica da abordagem que estamos a ensaiar.

É preciso referir ainda que os temas dos projetos em desenvolvimento resultam também dos interesses específicos dos candidatos, cuja qualidade e entusiasmo tem sido um dos aspetos mais gratificantes do novo programa de estudos. O perfil dos candidatos admitidos nos primeiros três anos de funcionamento mostra quatro características: um nível académico muito bom ou excelente; uma formação de 1º e 2º ciclo diversificada (que inclui não só Línguas Modernas, mas também Estudos Editoriais, Música, Ciências Jurídicas, Artes Visuais, Teatro e Jornalismo); uma forte motivação para os objetos e metodologias específicas deste curso; e autonomia e competência para realizar trabalho de investigação avançado. Ainda que o digital funcione como dispositivo para reperspetivar e repensar problemas e práticas – como é o caso da prática da crítica textual e da edição de textos (objeto do projeto de investigação dedicado ao *Livro do Desassossego*) –, é a matriz interdisciplinar, interlinguística, interartística e intermédia do Programa o aspeto fundamental e comum aos diferentes projetos.

P - O programa interessa-se por ampliar os estudos das experiências latino-americanas, nesse campo?

R- Sim, esse é um dos espaços sociais e literários que nos interessa explorar, a começar pelo Brasil, mas também noutros lugares. A dimensão internacional do curso está, de resto, inscrita desde o início na sua conceção, no seu modo de funcionamento e nos seus objetos de estudo. O Programa inclui um conjunto de professores convidados de universidades dos Estados Unidos, da Europa e do Brasil. Entre os docentes do curso há também especialistas na literatura brasileira e na literatura hispano-americana, por exemplo. Além dos doutorandos brasileiros do Programa, a relação com o Brasil tem-se estabelecido através de doutorandos oriundos de programas de universidades brasileiras que aplicam aos seus objetos de estudo locais alguns dos métodos das materialidades. Entre os intercâmbios já realizados, ou ainda em curso, refiram-se os que envolvem o Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, o Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, e o Programa de Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Em todos os casos, os estudantes visitantes candidataram-se e ganharam bolsas do governo brasileiro através da CAPES para visitarem o Programa de Materialidades da Literatura e trabalharem em Coimbra durante um semestre sob a supervisão de docentes do Programa. Esperamos ampliar a presença da experiência latino-americana ao longo dos próximos anos, seja nos objetos de estudo, seja nos docentes e discentes.

P - Encontra-se em andamento o projeto “Nenhum Problema tem Solução: Um Arquivo Digital do Livro do Desassossego”. O interesse maior do projeto está vinculado ao experimento, de publicar a obra em um suporte que lhe trará outras potências, ou move-se pelo desejo de arquivo, que no referido suporte abre-se a uma vasta possibilidade de acesso?

R- Podemos enquadrá-lo em projetos semelhantes que se têm levado a cabo desde o final dos anos 90 em várias universidades e bibliotecas pelo mundo fora, e que contribuíram para a gradual afirmação das humanidades digitais como um domínio que agrega a computação e as humanidades.

Neste caso não se trata apenas de uma edição digital que amplia as possibilidades de acesso, mas de usar as capacidades de remediação e de processamento algorítmico para descobrir coisas novas sobre a escrita e o livro no *LdoD*. O arquivo do *LdoD* permitirá gerar edições de configuração variável, de acordo com critérios específicos que serão processados automaticamente. O seu objetivo não é substituir as edições singulares que existem ou as que venham a existir, mas sim criar um espaço de modelação e de simulação da dinâmica da escrita, da edição e da leitura como processos de produção do livro.

A possibilidade de integrar novas leituras e novas edições será um sinal de que o projeto terá conseguido estruturar a sua base de dados e as suas funcionalidades tal como as imaginamos. A designação “arquivo” descreve, de certo modo, a natureza de repositório global dos testemunhos autógrafos e editoriais da obra. O desejo totalizador (comum a outros projetos de edição eletrónica) é, de algum modo, sinal da profunda alteração da ecologia documental trazida pela lógica de base de dados e de enciclopédia que define o meio digital. Se o projeto for tão bem sucedido como gostaria que fosse, a palavra “arquivo” acabará por tornar-se inadequada. E será necessário, nessa altura, encontrar uma nova palavra para um *LdoD* virtualizado e devolvido à potencialidade bibliográfica.

P - “Nenhum Problema tem Solução”. Tal título nos leva a pressupor que o projeto parte de uma concepção de ciência que não opera com uma concepção de verdade absoluta. Essa é uma leitura possível? Quais outras?

R - De facto, o título foi apropriado de um dos fragmentos manuscritos do *Livro do Desassossego*, mas pode ser lido também desse modo. As Humanidades têm um modo de conhecimento e um processo de investigação específicos que não se confundem com os protocolos de validação característicos da ciência em sentido restrito. No modo de conhecimento humanístico a natureza interpretativa da produção de sentido faz parte das condições de produção de verdade. A sua verdade não pode tornar-se inteiramente independente das condições que a produzem. É essa dimensão interpretativa, plasmada na autorreflexão de Bernardo Soares, que foi recuperada para o título do projeto. Na intenção original do título está subentendida a impossibilidade de chegarmos a uma solução definitiva. Os problemas de edição do *LdoD* e da relação entre escrita e livro – os dois objetivos principais do projeto – foram formalizados e foram definidos métodos para produzirmos novas interpretações desses problemas. As novas interpretações serão, ao mesmo tempo, soluções contingentes às possibilidades exploratórias que conseguirmos realizar na estrutura e na interface do arquivo.

P - Você poderia estabelecer algumas considerações sobre a que patamar o arquivo digital levou o “mal de arquivo” de Derrida?

R - Num certo sentido, o arquivo digital exponencia a lógica do arquivo, já que os processos sociais mais banais podem hoje ser submetidos a uma lógica de arquivo. O arquivo já não é apenas um dispositivo institucional (do museu, da biblioteca, da administração) que determina o que merece ser arquivado e que exerce através desse processo o seu poder de representação do mundo e da história. O arquivo digital é também, cada vez mais, o autoarquivo, isto é, o processo acelerado de produção contínua de registos escritos e de imagem através dos quais o sujeito dissemina representações de si mesmo no grande arquivo da internet, como se a sua existência lhe fosse conferida apenas *a posteriori*

pela função repositorial da própria rede. Procurar-se a si mesmo, fazendo uma *search* ao nome próprio, é a nova forma desse “mal de arquivo”. A digitalização do mundo significa também a digitalização do sujeito, um e outro tornados prisioneiros do código da máquina e da sua política de representações.

Materiality of Literature: writing, research and reconfigurations in the context of virtual space. An interview with Manuel Portela

ABSTRACT:

Interview with Manuel Portela, which discusses theoretical issues and presents an overview of the current state of their research and the research program that coordinates on materiality of literature, highlights the contributions of the poetic of Augusto de Campos to think the space complexity of writing; discusses the problematic files and presents a rich genealogy about it.

Keywords: Materiality of Literature. Literature and mídias. Digital files.

Notas explicativas

- * Professor Associado da Pós-graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da UFJF; Pesquisador 2 do CNPq.
- ** Doutoranda em Teorias da Literatura e Representações Culturais, UFJF; Professora da SEEDUC/RJ e da SEE/MG; bolsista Monitoria UFJF e CAPES/PSDE – Universidade de Coimbra.
- ¹ Professor do Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Diretor do Doutorado em Estudos Avançados em Materialidade da Literatura. Pesquisador responsável do Projeto “Nenhum Problema Tem Solução: Um Arquivo Digital do *Livro do Desassossego* (FCT, 2012-2015).

Recebido em: 15 de maio de 2013

Aprovado em: 30 de junho de 2013